

A TRIBUNA

JORNAL DEDICADO AOS INTERESSES MORAES E MATERIAES DA PROVINCIA

Assinatura mensal 18000

Publicação semanal

Num. avulso 250 reis.

TYPOGRAPHIA E REDACÇÃO—RUA DOUS DE DEZEMBRO N.º.

ANNO IV.

CUYABÁ, 1.º DE NOVENBRO DE 1888.

N. 155

RESENHA DA SEMANA

Ponte do Mundão.— Chamamos a attenção do Sr. Fiscal da Camara Municipal para o estado em que se acha a ponte do Mundão.

Alem da estragada totalmente pelo tempo em razão da sua antiguidade, faz-se actualmente necessaria de duas vigas em seu leito, cujas faltas formão dois precipícios, que podem ser funestos aos transeuntes desprecebidos.

A bom do publico pedimos promptas providencias.

Habeas corpus.— Pelo Tribunal da Relação foi o 26 do mez findo concedido *Habeas corpus* ao cidadão Fernando da Costa Leite, pelo que se acha em plena liberdade tratando de seus interesses. Felicitamol-o.

Acha-se nesta cidade desde o dia 24 do mez proximo findo chegado de Miranda para tomar assento na Assembléa Provincial o nosso amigo João Augusto da Costa Leite. Com S. S. veio a sua Exm.ª familia.

Saudamol-os.

Passamento.— A 28 do mez findo, falleço nesta cidade o Sr. Tenente Manoel José Gomes Monteiro.

O finado era chefe de nu-

merosa familia e dotado de boas qualidades.

A' sua alma desejamos a paz eterna e aos entes inconsolaveis e que lhe são caros enviamos os nossos pesames.

Outro.— No mesmo dia foi chamada a mansão celeste a Ex.ª Sr.ª D. Maria José Gaudie de Albuquerque, esposa do Sr. Capitão André Virgílio Pereira da Albuquerque.

A finada deixou grande prole a quem a sua falta será assaz sensivel e dolorosa.

Ao seu inconsolavel esposo e filhos as nossas condolencias.

Escola mixta em Nioac.

— Foi apresentado hontem na Assembléa Provincial pelo deputado João Augusto da Costa Leite, um projecto criando uma escola mixta de instrucção primaria na freguezia de Nioac. Tomou o n.º 13.

Foi remettido á commissão respectiva para dar seu parecer, o projecto do sr. deputado Mariano Ramos, supprimindo aos funcionarios provinciales inactivos os respectivos vencimentos quando nomeados para qualquer emprego provincial.

O sr. conselheiro João Alfredo.— Transcrevemos na secção competente um artigo sobre o sr. Ministro da Fazenda e para elle chamamos a attenção dos leitores.

31 DE OUTUBRO

Completo hontem 50 annos de idade, o nosso sympathico amigo e digno defensor da patria Capitão Luiz Felipe Fernandes Cuyabano.

Official dotado de excellentes qualidades com as quaes tem sabido conquistatar no seio da sociedade e no de seus camaradas, a devida affeição e amizade, merecendo a estima de todos; cumprimos portanto, com um dever de reconhecimento, saudando-o jubilosamente pelo seu feliz anniversario, almejando que repita por dilatados annos tão apreciavel facto.

Ao Sr. Capitão Cuyabano e a sua respeitavel familia enviamos as nossas felicitações.

Lê-se no Jornal do Recife.

— Um dos factos que tem occupado o publico durante esta semana é o dos vinhos envenenados da propriedade do conde de Villeneuve, perto de Hyeres, no sul da França. Os infelizes que delle provaram cahiram doentes. O estado da maior parte delles causa pena ver. Uns estão

com tremuras convulsivas continuas, outros arrastam com um só uma perna quasi paralyzada; outros com os olhos que sahem da sua orbita, assemelham-se a alienados.

O conde de Villeneuve achava-se preso. Até então gozava de grande estima em Hyeres. O povo dessa localidade não mostrava a mesma sympathia pela conde se, que é originaria da Bélgica. Todos são unanimes em declarar, que a mulher do conde representou um papel importante nesse negocio. As propriedades da familia de Villeneuve representam cerca de 300 hectares. As suas vinhas eram das mais afamadas da região. Foi só neste anno que o phylloxera appareceu.

Foi essa a primeira desgraça; a outra mais deploravel foi esta:

O proprietario tinha uma paixão: a de fazer experiencias chimicas. Estabelecera em sua habitação um laboratorio no qual se entregava frequentemente a combinações chimicas e estudava o modo de tratar seus vinhos, coloril-os, dar-lhes perfumes.

Ha cerca de cinco annos o conde recebeu, dizem, d'Allemaña, cerca de 750 kilos de arsenico. Para que mister uma tal quantidade de arsenico era destinada? Ninguém jamais pôde dizer.

O conde vendia a um negociante da vinhos de Hyeres, tres qualidades de vinho: de 30 centimos (6 vintens), de 40 e de 50 centimos o litro. Da analyse feita pelo Dr. Santhne, resulta que o vinho que produziu os effectos mais desastrosos foi o que se vendia por 50 centimos. Os empregados de propriedades até agora interrogados protestam terem tomado parte nessa catástrophe.

Pretendem elles que quando tomavam a sua refeição em uma sala commum, viram o Sr. de Villeneuve dirigir se para os depositos e tirar de sob o vestuario pequenas saccoes de um a maeria branca e introduzir nas cubas punhados desse producto;

achavam estranha essa manobra que sempre fazia ás escondidas.

Dizem que o conde dava a seus empregados o mesmo vinho que era vendido em Hyeres, porem que por outro lado, elle não o punha em sua mesa.

Elle nega haver falsificado os vinhos, e responde, que não sabe explicar isso que aconteceu.

O que é certo é que ultimamente vendera a sua propriedade por um preço quasi diminuto e que certos indícios provam que tomara todas as cautelas para partir.

Já foram exhumados mais de onze cadaveres para se proceder a autopsia.

É um facto esse tristemente celebre, o envenenamento de uma povoação de 300 habitantes mais ou menos.

Ventre fértil.—A mesma folha refere o seguinte:

« Em Maracapucú, districto de Abaeté, (Pará) uma mulher de nome Izabel deu a luz, de um só parto, quatro crianças bem conformadas, sendo duas do sexo masculino e duas do feminino, trazendo uma daquellas pelto na barba.

As quatro crianças nasceram vivas tinham dois palmos de comprimento e foram morrendo uma após a outra.

Das quatro crianças tres eram claras e uma escura, justamente a que nasceu barbada.

Dez dias depois do parto falleceu a fecunda mãe, succumbindo de uma febre puerperal. »

TRANSCRIPÇÃO

O NOVIDADES, o órgão dos srs. Paulino de Souza, Cotagipe e Belisario, emittio sobre a situação economica do paiz e manutenção do ministerio 10 de Março as seguintes conceitos:

« Diz-se já que o Sr. J. do Alfredo não faz questão dos pontos capitais do projecto em discussão na Camara e apresentará ou aceitará emendas procurando assim salvar-se do encontro com o voto da Camara. Isto ainda vem provar que o que o gabinete quer é viver como lhe for possível, ainda mesmo que tenha de andar de transigencia em transigencia.

O que lhe merece cuidados não é a situação desgraçada do paiz: é a sua conservação no poder.

Altamente inepto e profundamente ignorante dos negocios de sua pasta, o Sr. Ministro da fazenda perfilhou o projecto da bancos hypothecarios sem sequer ter a noção do mechanismo de taes bancos, de que resultou a figura tristissima que tem feito no debate, figura só comparavel a que tem desempenhado na discussão dos bancos de emissão no Senado em que ainda não disse uma palavra.

Não conhecendo nada sobre o assumpto, o Sr. Ministro da fazenda anda inteiramente á toltas, sem saber o que deve fazer, se é que por ventura tenha a consciencia de que qualquer coisa carece de ser feita. D'aqui resulta não só grande perda de tempo para o parlamento, mas, o que é mais importante, graves prejuizos a lavoura.

A demora nas medidas de auxilio que lhe devem ser dadas determinou que os escassos recursos que poderiam ser apurados foram dirigidos para a colheita do café que é a mais productiva; e por consequente a dos cereaes, base da alimentação no interior, foi litteralmente perdida.

Não é querer ser propheta de má morte augurar que a miséria e a fome não tardarão em vir fazer o cortejo a este governo. Pode-se mesmo assegurar que chegaremos ao extremo de se não poder manter a lavoura e ao grande numero de estancios agricolas já abandonadas, virão ajuntar-se dentro em pouco outras muitas ou quasi todas. Agora pagando salarios ela-

vadíssimos - e desproporcionais, sujeitando-as aos caprichos e exigências dos libertos, perdendo mesmo uma terça parte do que se poderia obter, a colheita de café vai se fazendo com todas as obices e tropeços; mas uma vez feita e quando a terra requer o trabalho que não tem retribuição immediata podemos garantir que a crise subirá de ponto e o desanimo que já a muitos atormenta invadirá a todos.

A situação do lavrador é neste momento sinceramente lastimável; mas se ella se imbuir das cogitações dos poderes publicos, essas cogitações não devem tambem deixar de envolver a sorte do liberto.

Nós denunciámos aqui a o honrado Sr. Lacerda Wernick fez ver na tribuna da camara todo o horror de um crime que se vai tornando muito commum no paiz: o infanticidio.

As negras, não podendo procurar subsistencia para si e para sua prole, não hesitam em matar os filhos abandonando-os pelas estradas usando de violencias. Algumas negam-se até a amamentar os recém-nascidos matando-os a fome e a sede. E isso não se dá somente no sul, mas tambem no norte.

Não ha muitos dias o *Jornal do Recife* inseriu em editorial um artigo notavel delatando igual delicto.

A par disso cumpre ter em vista, a vida nomade e errante que vai tendo o liberto. Essa massa enorme que obteve a liberdade não desapareceu, nem enquiilou-se. Está ali; mas como recusa-se ao trabalho, sem que entretanto possa dis pensar-se de se alimentar, entrega-se de corpo e alma a todos os vicios e a todos os crimes. Não raro conserva-se nos lugares em que foram captivos reclamando alimento e recusando-se a pagal-os com o seu trabalho. Os ingenuos e os invalidos, esses por via de regra, conservam-se nos mesmos lugares e vivem como um onus para o fazendeiro.

Em ultima analyse, directa ou indirectamente, o liberto vive ainda hoje á custa do lavrador; mas se esta não póle siquer faz e face aos seus compromissos immediatos, como suppletar o parasitismo de uma raça?

Todas estas questões impoem-se ao governo reclamando uma solução prompta, immediata e effizaz; e quando o momento é desta gravidade, o Sr. João Alfredo leva a protelar, sem capacidade, sem energia, sem talento para tomar uma attitudde firme que ponha termo ao problema.

A legenda da energia do sr. João Alfredo, alias muito meltratada desde o escondrijo do Arsenal de Marinha do Recife, esboroou de todo nesta situação. S. exc. não passa de um homem vulgarissimo, que só aos azares da sorte, deve a posição que indevidamente occupa.

VARIEDADE

Os ceguinhos.

A ALEXANDRE CASTAGNINO

Ninguém, como elle, apreciava as bellas madrugadas frescas de campo. A's vezes, ainda, á lua pairava no azul e os prados verdes guardavam-se na bruma crepuscular, — e já elle, o ceguinho, respirava, á plenos pulmões, o ar vivificante e fresco das montanhas encostado á porta da cabana.

Posto que sem vista, era elle quem melhor conhecia os sitios pittorescos da pequenina aldeia. Viam-no sempre, á tarde, sentado junto da fonte, ouvindo attentamente a berceuse d'agua. As mãos passava-as caminhando, de porta em porta, do casal em casal, recolhendo osmoias — e quando o sol ardia forte, procurava a sombra amiga de algum canto cheiroso e ficava alli o tempo bastante de saborear o almoço e ouvir o concerto harmonico dos passarinhos.

Juvenal era o seu nome, porem em to da aldeia e nas proximidades ninguém o conhecia sinão pelo — poeta.

As crianças, mai o viam vir tremulo, pelos caminhos cantarolando as suas modinhas melancolicas, gritavam, batendo as palmas e saltando:

— Ah! vem o poeta! Ah! vem o poeta!

E iam buscá-lo carinhosamente, pe-

dindo quadrinhas, historias de reis antigos e de feticheiras. Levavam-no para o interior da casa, enchiam-lhe a saola e, riudo, sentavam-se, abrindo muito os olhos quando elle pronunciava com vagar o — Era uma vez...

E tinha sempre unias historias novas para os seus protectores de cabellos louros.

Vivia em uma cabana, retirada, á beira do rio — elle e uma rapariga phytica, sua sobrinha — a voz mais doce e mais apaixonada da aldeia e da circum vizinhança.

Pouco parava em casa. A' noite quasi sempre, voltava tarde, levado por um pastor que o prendera na choça para ouvi-lo cantar e as modas do velho tempo!

Rosa, era uma velha da mesma aldeia, cega como o tio Juvenal, e como elle pobre. Não tinha a fortuna de saber historias, e as crianças fugiam della, mal a viam nos caminhos, por causa do seu modo brusco e do seu grande rosario que ella trazia sempre entre os dedos, desfilando. Era boa e meiga e conhecia o segredo de curar os cobrinhos e as erysipelas, pelo que, ás vezes, passava semanas nos assaes distantes, recolhida e catada, livre do grande sol ardente das estradas e das viagens, pelas campinas quentes nos dias de verão.

(Cont.)

CAMPO LIVRE

NA GEMMA DO BRAZIL

(A PROCURA DO XINGU)

XX

Lê-se na *Gazeta de Noticias* de 22 de Agosto proximo passado o seguinte:

« Entrementes meia duzia de soldados atirava-se á caça mais feliz.

Com 11 tiros de Comblain mataram os dois bois caçorras que o fazendeiro deixara entregue á sua sorte.

Jaziam junto ás cabanas os restos dos dois rumirantes, até as tripas. A alegria foi grande; janto a duas fogueiras cortou-se, asseu-se preparou-se; eu recebi tambem, como sempre, minha *portion* á la tartare. »

Isto passou-se a 4 annos no cume da serra do Tombador, entre Rozario e Diamantino. O sabio Dr. Carlos von den Steinen, autor deste escripto, fora illudido por alquem neste ponto, por isso vamos contestar tal narração e ao mesmo tempo prevenir para o futuro a reproducção de caso identico.

A' meia legoa mais ou menos distante do Tombador, lugar onde os soldados mataram os dois bois caipora, está situada a fazenda da Forquilha de nossa propriedade, alli mantemos um pessoal sufficiente para o custeio do nosso gado; não é portanto verdade que tenham naquellas immedições bois caiporas entregues a sua sorte deixado pelo fazendeiro.

Isto que informaram ao nobre Doutor não passa de uma calúnia de quem quer que seja para eximir-se do pagamento, como não pagaram, dos taes bois que estavam divisados, marcados e no nosso campo.

Dias depois da caçada dos caiporas foi encontrada a carança pelos nossos camaradas, immediatamente avisamos um nosso irmão nesta capital afim de ver se recebia a importância dos mesmos, porém elle não conseguiu causa alguma. O sr. capitão Tupy commandante da força que compunha d'aquellas praças respondeu-nos pela negativa fazendo disso carga ao sr. capitão Paula Castro ao mando de quem se achava nesse dia a dita força; fallamos a este capitão, depois da sua volta ao Pará, elle justificou-se que nada tinha com os soldados sob as ordens do sr.

capitão Tupy. Se os soldados estavam mortos a fome como disserão era natural que se lançassem mão desse meio—matando os bois; mas não é disso que f zemos a cabedal.

Uma vez que tiveram a franqueza de utilisarem-se d'aquillo que é nosso era do justicá de indemnisar-nos do prejuizo—e não qualificar o nosso gado como bens de ausentes.

Tinhamos guardado silencio sobre este assumpto pela muita consideração que nos merece o illustre sr. capitão Francisco de Paula Castro e por julgar-mos incapaz de prejudicar-nos por em defesa dos nossos interesses fomos obrigados a citar o nome de S. S., que nos desculpará.

Cuyabá, 27 de Outubro de 1888.

G. Jorte & Irmãos.

Pobre Matto-Grosso— pobre povo?

O sr. Francisco Soares de Silva, festeiro do Espirito Santo do Coxipó de Ouro, fez publicar no penultimo n.º d'A *Provincia de Matto Grosso*, um annuncio convidando aos devotos do divino para assistirem a festividade deste santo no dia 18 do venturo mez de Novembro.

Nessa publicação o sr. Soares annunciou festa profana depois da religiosa, esquecendo-se de que nós os seculares só devemos gastar o nosso dinheiro com esmolas para a igreja & c., e não em nosso proveito e no do povo. E dessa imprudencia ou arrojo do sr. Soares resultou mandar o nosso Diocesano prohibir que haja festa do divino no Coxipó de Ouro!!! E esta?!

E quem indemnisa agora as despesas que já fez o festeiro com fogos e outros misteres para a festa? Isto é demais.

Não sabemos qual a resolução do sr. Soares, em todo caso porém se a questão é por causa das corridas dos touros conforme o alludido annuncio do sr. Soares, faça elle outro annuncio desistindo d'essas corridas e substituiu-las por batuques, sambas e corurú; porque o povo que contribue com o seu dinheiro para a festa religiosa tambem quer a profana; e se ainda não far do agrado do nosso Prelado então distribua-se esmolas aos doentes de S. João dos Lazares e acabemos de uma vez com essas festas desde que só temos o direito de gastar o nosso dinheiro com os padres.

Ha bem pouco tempo (nesta anno) houve nesta capital corridas de touros por motivo de igual festividade sem que ninguém mugisse nem mugisse porque o festiro do divino era homem de posição; no entanto prohibe-se as festas do Coxipó de Ouro só por ter-se annunciado—tousos!

Pois só com os pequenos é que se empregam tanta energia?

P. A. bues.

Aviso.

Pedimos aos nossos assignantes que não receberem esta folha no dia da sua distribuição, o obsequio de mandarem reclamar-nos nesta typographia afim de serem satisfeitos; para que na occasião de contribuirem com as suas assignaturas não appareçam reclamações.